

## 5.

### Metodologia

Nossa pesquisa visa ao desenvolvimento de um estudo que, afinado com o pressuposto funcionalista da multifuncionalidade das expressões linguísticas, procurará dar conta dos usos dos verbos “ser” e “estar” na função de *transpositores* articulados a sintagma nominal (SN), sintagma adjetival (SAdj.) e sintagma preposicional (SP). As estruturas em que se acham esses verbos podem ser formalizadas da seguinte maneira:

X<sub>1</sub> \_\_\_\_\_ SN

X<sub>1</sub> \_\_\_\_\_ SAdj

X<sub>1</sub> \_\_\_\_\_ SP

Nelas, representa-se a relação entre um argumento (X<sub>1</sub>) na posição de sujeito, articulado por um verbo, na função de transpositor, a uma das classes de sintagma, a saber, sintagma nominal (SN), sintagma adjetival (SAdj) e sintagma preposicional (SP).

A análise, de orientação paradigmática, buscará determinar os fatores semânticos (entendidos como ‘traços’ que relacionam uma unidade linguística a outra unidade, que guardam entre si similaridade), quer associados ao sujeito, quer aos sintagmas referidos, que cumprem a função de predicador, e fatores contextuais, os quais dizem respeito a conjuntos de crenças, valores e conhecimentos pressupostos como partilhados entre os interactantes numa dada situação sociocomunicativa.

Ao predicador, núcleo da oração, caberá: a) determinar os traços semânticos que o sujeito deve compreender<sup>91</sup>; b) determinar a seleção de um ou outro verbo. Havendo a possibilidade de uso de um e outro verbo, a seleção será determinada pelo contexto sociocognitivo. Interessa-nos, nesse tocante, patentear as informações, conhecimentos e crenças que, sendo compartilhados entre os interactantes, determinam o uso de uma das formas disponíveis no sistema.

<sup>91</sup> Em orações com predicador SP, essa determinação se faz na base da construção de um significado-base (cf. ‘X é de seda’, em que ‘de\_\_SN’ constrói o significado ‘material de que alguma coisa é feita’).

Gostaríamos, contudo, de lembrar aqui a posição de Halliday (1978) sobre a estratificação sistêmica da linguagem, a fim de elucidar em que medida nossa análise segue a orientação paradigmática prevista na LSF. Para Halliday, a linguagem – e nesse tocante, vimos que ele segue Hjelmslev, os linguistas da Escola de Praga, bem como Firth na Escola de Londres, - estrutura-se em três sistemas: o semântico, o léxico-gramatical e o fonológico (este também entendido como “grafo-fonológico”). Cada um desses sistemas são entendidos como sistemas que abrigam potencialidades. Por exemplo, tomando-se o sistema léxico-gramatical, dirá Halliday que nele encontramos “o que o falante pode dizer” (1978, p. 39). Esse sistema, tomado em sua totalidade, é a realização ou atualização do sistema semântico, que inclui “o que o falante pode significar” (ib.id.). O sistema semântico totaliza os significados potenciais que ganham corpo na linguagem. O sistema léxico-gramatical é a realização (já que é “o que se pode dizer”) do sistema semântico (“o que pode significar”).

Uma teoria, portanto, que se assenta no sistema semântico, está preocupada com as possibilidades de significação, ou melhor, com os significados potenciais que são passíveis de realização pelo sistema léxico-gramatical. Adotar uma orientação paradigmática – e aqui lembremos a lição de Saussure, que Halliday endossa – é situar a análise no domínio das escolhas previstas pelo sistema (paradigma) da língua. Parece-nos, contudo, que é na concepção e uso do conceito de sistema que Halliday se distancia de Saussure. Lembremos que para o mestre genebrino o sistema, compreendido como ‘um todo de inter-relações entre signos’ ou ‘um conjunto no interior do qual os signos mantêm relações de oposição recíproca entre si’, funciona, simultaneamente, pela interseção dos níveis paradigmático e sintagmático. Em Halliday, o termo sistema é reservado para designar apenas o nível paradigmático (o das escolhas, o das potencialidades de atualização). Por isso, em Halliday – ou em sua LSF – o conceito de sistema é sinônimo de ‘paradigma’. Uma análise que se estriba neste nível é, portanto, uma análise de cunho sistêmico. No entanto, como não se limite à compreensão dos significados potenciais, ao que pode ser realizado, mas interessando-se por compreender o que fazem os falantes ao realizar estes significados, essa análise, necessariamente, assume uma orientação sistêmico-funcional. É, portanto, ao mesmo tempo, sistêmica, porque se assenta no âmbito das escolhas; e funcional, porque interessada em saber a que propósitos servem tais escolhas, ou o que os

falantes fazem, como se comportam linguisticamente, ao atualizar os significados previstos nas escolhas que fizeram.

Com vistas à realização de nosso empreendimento analítico, escolhemos tomar para *corpus* 7 episódios do seriado de televisão *Os Normais*, exibido pela Rede Globo de Televisão, no período entre 2001 e 2003<sup>92</sup>. Embora cientes de que as amostras que constam desse *corpus* não sejam textos de discurso espontâneo na modalidade oral da língua, mas tenham sido fabricados na forma escrita para serem falados, constituem elas exemplos verossímeis do uso do português na variedade coloquial falada no Rio de Janeiro.<sup>93</sup> Nos três capítulos seguintes, vamo-nos ocupar com a análise de nosso *corpus*. No capítulo sexto, consideraremos as ocorrências de “ser” e “estar” juntos a SN predicador, caso em que se nota, com maior frequência, o uso do verbo “ser” – verbo, aliás, habilitado ao estabelecimento de relações de correferência ou de identificação. Halliday (1994), nesse tocante, destina uma seção ao uso do verbo *to be*, quando trata dos processos relacionais. Consideraremos a lição do autor na descrição do uso de “ser” com aquele constituinte, dando a saber as estruturas oracionais em que ele está inserido, bem como as funções semânticas que ele cumpre, quer num nível estritamente sintático, quer num nível discursivo.

Interessar-nos-á, nesse capítulo, determinar as funções semântico-discursivas desempenhada pelo verbo “ser”, para o que será necessário descrever a estrutura do SN predicador. De passagem, é notável o fato de o verbo “ser” estabelecer relação de identidade entre os dois SNs – um na função semântica de Identificador; e outro, na de Identificado, caso em que os dois sintagmas se acompanham de um determinante (em geral, artigo definido). Nesses casos, a reversibilidade entre eles é possível (cf. *O meu pai é o professor de português/ o professor de português é o meu pai.*). A análise empreendida neste capítulo se desenvolverá com base na hipótese segundo a qual, dada a estrutura SN<sub>v</sub> SN<sub>predicador</sub>, o verbo “ser” será a forma sistematicamente empregada.

<sup>92</sup> Os sete episódios que compõem nosso *corpus* são os seguintes, na ordem em que aparecem em Anexos: *Todos são normais; Normas do clube; Um dia normal; Fazer as pazes é normal; Complicar é normal; Brigar é normal; Cair na rotina é normal.*

<sup>93</sup> Cumpre notar que a escolha pelo *corpus* *Os normais* não foi só motivada por sua adequação do ponto de vista metológico-descritivo, mas também por sua adequação pedagógica, visto se tratar de um material comumente usado no ensino de PL2E na PUC-Rio, o qual permite tanto o acesso dos aprendizes estrangeiros a uma variedade linguística diferente da que é usada pelo professor quanto a aprendizagem de uma variedade coloquial representativa da língua em uso no Rio de Janeiro.

O capítulo sétimo é destinado à descrição dos usos de “ser” e “estar” articulados a SAdj. Uma listagem dos adjetivos que figuram no corpus de *Os Normais* mostrou-nos que o maior conjunto de adjetivos é composto por aqueles que admitem o uso de um e outro verbo. Admitindo o postulado segundo o qual o adjetivo é o predicador, estaremos preocupados em determinar os fatores semânticos e contextuais que determinam a ocorrência dos referidos verbos. Ademais, não deixaremos de notar, sempre que a ocorrência de um adjetivo o permitir, conteúdos pressupostos associados ao uso de “estar”. Assim é que numa frase como “Este chá está quente”, o adjetivo “quente”, designando um estado, permite-nos inferir a noção de ‘mudança de estado’ (de um estado frio para um estado quente). O adjetivo “quente” entra na classe dos adjetivos que admitem tanto “estar” quanto “ser”; mas somente “estar” marca o conteúdo pressuposto; o uso de “ser” o exclui.

O adjetivo, na função de predicador, também é responsável por determinar a classe semântica do sujeito. Destarte, é notável, aqui, o fato de a polissemia, inerente a toda forma linguística, ser condição para o estabelecimento de configurações semânticas diversas. Dois casos ilustrativos disso são as ocorrências dos adjetivos “quente” e “doente”. Ainda que situado no campo semântico ‘temperatura elevada’, se “quente” selecionar o sujeito [+ hum], o significado da frase é diferente do significado da frase cujo sujeito é “chá” (cf. O menino está quente). Nesse caso, evidentemente, se trata de elevada temperatura corpórea ou do estado febril da criança. Além disso, significando ‘temperatura corpórea elevada’ ou ‘estar com febre’, “quente” só admite o uso de “estar” (o uso de “ser”, embora possível, produzirá conotação sexual). O adjetivo “doente”, a seu turno, tem a especificidade de mudar de sentido, se empregado com um ou outro verbo. Usado com “estar”, “doente” designa ‘privação temporária da saúde’ (é usado, muito geralmente, para se dizer de uma pessoa acometida de uma gripe, por exemplo). Se, contudo, for usado com “ser”, pode se referir à condição de doença mental (cf. O garoto é doente). De modo geral, parece que, com “estar”, “doente” codifica o significado ‘enfermidade’ no domínio físico ou corpóreo; e com “ser”, no domínio ‘mental’ (caso em que pode se referir, de maneira genérica, ao estado de esquizofrenia, por exemplo).

Esses dois casos ilustrados corroboram nossa hipótese, segundo a qual os verbos “ser” e “estar”, longe de serem “esvaziados de significado”, entram a fazer

parte da construção do significado do enunciado. Em outras palavras, a ocorrência de um ou outro verbo produzirá, em conjunção com o tipo semântico de sujeito, significados diferentes.

Convém ressaltar, no entanto, que, malgrado a observação que fizemos sobre a especificidade semântica de um adjetivo como “doente”, não se pode ignorar a influência e importância de fatores contextuais (conhecimentos pressupostos como partilhados) na determinação do significado do enunciado, de modo que é possível usar “estar”, mesmo que “doente” possa se referir à enfermidade mental. Também é digno de nota o fato de “estar” não necessariamente marcar uma ‘privação temporária de saúde’, de sorte que a ideia de que “estar” marca estado temporário não se sustenta para todos os casos. Parece que a noção de ‘temporário’ precisa estar prevista na semântica do adjetivo. Assim é que é perfeitamente possível dizermos “Pedro está muito doente” e “o estar doente” referir-se à condição de alguém que tem câncer ou aids. Claro é que o sentido pretendido dependerá de que os interlocutores compartilhem entre si uma parte de seus contextos sociocognitivos; afinal, de “doente” não podemos inferir aquelas enfermidades; de qualquer modo, o fato é que “estar” figura num contexto sintático cujo adjetivo pode fazer referência a um ‘estado de enfermidade permanente’.

O oitavo capítulo será destinado ao tratamento das ocorrências de “ser” e “estar” com SP. Nesse domínio de relações sintáticas, o SP é também, como já mencionamos, um predicador, responsável, portanto, pela estruturação sintático-semântica da oração. É ele que determinará a ocorrência não só dos referidos verbos, como também do tipo de sujeito.

Dado o fato de que “ser” e “estar” entram a fazer parte de configurações sintático-semânticas bastante variadas, estabeleceremos para cada estrutura do SP um significado-base, sem, contudo, descurar do fato de que, não raro, tais significados são produtos da relação do SP com um dos verbos selecionados. A título de ilustração, tomemos dois casos emblemáticos: a do SP ‘De\_\_SN’ e ‘Com\_\_SN’. Note-se as seguintes formalizações:

(a)  $X_1$  verbo De\_\_SN

(b)  $X_1$  verbo Com\_\_SN

A configuração sintático-semântica do enunciado dependerá do tipo de substantivo que preencherá a posição de núcleo do SN encaixado no SP. Tomando-se para reflexão o caso (a), devemos ter em conta que a preposição “de” tem a particularidade de comportar múltiplas noções, quando comparada às demais preposições (Cunha & Cintra, 2001: 568). Particularmente notável é o fato de os significados que podem ser produzidos no uso de “De\_\_SN” não guardarem entre si qualquer relação, muito embora se costume estabelecer, por abstração, um significado-base de “movimento”, descrito como “afastamento de um ponto, de um limite, procedência, origem” (Cunha & Cintra, *ib.id.*).

Quando articulado aos verbos “ser” e “estar”, o SP ‘De\_\_SN’ pode prever, sistematicamente, os significado-base ‘procedência ou origem’ ou ‘material que entra na composição de alguma coisa’. Com esses dois significados, ‘De\_\_SN’ só admite o verbo “ser”:

(23) Meu amigo é de Minas Gerais (= mineiro)

(24) A camisa é de linho.

Se o SP ‘De\_\_SN’ codificar o significado ‘estar vestido’, caso em que o substantivo núcleo do SN deve pertencer ao campo semântico ‘vestuário’, o uso de “estar” constitui o uso normal (salvo especialização contextual).

(25) Pedro está de casaco.

Uma das dificuldades para a descrição dos usos de “ser” e “estar” com esse tipo de SP repousa no fato de que a construção preposicionada pode constituir uma expressão mais ou menos cristalizada na língua, como sucede com (26) e (27), abaixo:

(26) O menino é do barulho (barulhento? bagunceiro?)

(27) Ela está de cama (acamada).

Casos semelhantes são as ocorrências a seguir, para as quais as possibilidades de lexicalizações são escassas:

- (28) Eu estou de carro.  
 (29) Eu estou de bicicleta.  
 (30) Eu estou de táxi  
 (31) Eu estou de helicóptero  
 (32) (?) Eu estou de avião.  
 (33) (?) Eu estou de navio.

Nesse caso, notamos que à estrutura ‘De\_\_SN’ associa-se o significado ‘meio de transporte’, de tal modo que o sujeito designa uma entidade que está implicada num estado-de-coisas na condição ou de condutor do veículo ou de passageiro. Aqui, parece que o uso consagrou certas lexicalizações em detrimento de outras. Os casos (32) e (33) parecem ser menos aceitáveis (já que o significado ideacional codificado é incompatível com as experiências de mundo em nossa cultura).

De qualquer modo, do exposto se conclui que o uso de um ou outro verbo produz um resultado semântico diverso, tendo em conta o significado do enunciado. Quando usado com “estar”, a estrutura ‘De\_\_SN’ atualiza significados diferentes dos significados atualizados quando usada com “ser”. Assim é que o aprendiz estrangeiro que produz “Ela está de Brasil” não detém o conhecimento de que, estando lexicalizado um nome de lugar (Brasil), o significado do conjunto ‘De\_\_SN’ é o de ‘origem ou procedência’, caso em que devemos usar o verbo “ser”, e nunca “estar”. O caso pode ser também explicado pela observação de que a construção “de Brasil” corresponde ao adjetivo “brasileiro” (locução adjetiva) que, como tal, denota nacionalidade; e os adjetivos que denotam nacionalidade, porque referentes a um traço de identidade, exigem “ser”. Em síntese, para cada significado-base reconhecido para a estrutura ‘De\_\_SN’ podemos ter a seguinte configuração sintático-semântica:

- Origem, procedência:

$X_1 \longleftrightarrow \text{ser} \longleftrightarrow \text{De\_SN}$

[+/- anim]

- estar vestido de:

$X_1 \longleftrightarrow \text{estar} \longleftrightarrow \text{De\_SN}$

[+ anim]

- estar na condição de motorista ou passageiro:

$X_1 \longleftrightarrow \text{estar} \longleftrightarrow \text{De\_SN}$

[+hum]

Para a estrutura ‘Com\_\_SN’, é também notável o fato de a ocorrência de um ou outro verbo produzir significados diversos. Se usada com “ser”, a estrutura ‘Com\_\_SN’ pode comportar o significado ‘dizer respeito a’, como se infere de (34):

(34) Esse problema é com o diretor.

Aqui, entendemos que cabe ao diretor resolver o problema, porque diz respeito à sua competência enquanto tal. Nesse caso, note-se que o substantivo que preenche a posição de núcleo do SN encaixado no SP comporta o traço [+hum]. Codificando o significado ‘que entra na composição de’ ou ‘ingrediente de alguma coisa (alimento)’, caso em que o substantivo que preenche a posição de núcleo do SN pertence ao campo semântico de ‘alimento’, teremos uma outra configuração sintático-semântica. Nesse caso, o sujeito deverá designar também um alimento; e, portanto, comportar o traço [-anim].

(35) A pizza é com orégano.

Esse caso chama-nos a atenção para a importância de operar uma análise que leve sempre em conta aspectos contextuais. O uso de “estar” também é possível, de modo que uma frase como (36) é, decerto, aceitável:

(36) A pizza está com orégano.

Sucedo, contudo, que (35) poderia ser produzido num contexto em que o enunciador solicitaria ao garçom que incluísse o orégano na pizza; ao passo que (36) poderia ser produzido numa situação em que o cliente constatou a presença do ingrediente na pizza. Pode-se pensar nesses casos considerando-se o conhecimento de mundo compartilhado como pressuposto entre os enunciadores. Se o enunciador, no momento em que faz seu pedido, dispõe do conhecimento de

que o restaurante permite ao cliente escolher se deseja ou não que a pizza lhe seja servida com orégano, claro nos parece que (35) é a forma adequada. Também adequado estaria (35), numa situação em que um dos interlocutores à mesa, que não gostasse de orégano se estivesse precipitando em comer um pedaço da pizza, quando é advertido da presença do ingrediente. O interessante é que a ideia de ‘constatação’ não está necessariamente envolvida na produção de (35), mas o está na produção de (36). De (36) inferimos que o enunciador constata a presença do ingrediente na pizza, o que não, necessariamente, ocorre quando da produção de (35).

A inegável diversidade de configurações sintático-semânticas dos SPs impõe-se-nos a tarefa de propor uma tipologia de SPs com base no significado de cuja construção eles participam.

Nossa análise, portanto, operará com base na determinação de informações semânticas implicadas na estrutura oracional e na determinação de informações implicadas nos contextos sociocognitivos que se pressupõem partilhados pelos enunciadores.